

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PACTO NACIONAL PARA A ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA – PNAIC NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ITAJAÍ/SC: TRAJETÓRIA DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES VIVENCIANDO O PNAIC E MUDANÇAS OBSERVADAS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS**

Luciane Wayss Staffen<sup>1</sup>

Gracielle Bping Lyra

**RESUMO:** *O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a formação continuada proposta pelo Ministério da Educação brasileiro através do Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa – PNAIC para os professores de 1º, 2º e 3º Anos da Rede Municipal de Educação do município catarinense de Itajaí. Através do acompanhamento das vivências dos professores alfabetizadores durante a formação e da análise de suas práticas apresentadas durante os anos de 2013, 2014 e 2015 procurou-se observar se houve mudanças nas propostas de trabalho para as crianças. Abordaram-se os temas inclusão, avaliação, infância, ludicidade e organização docente para contextualizar as trajetórias dos participantes da formação. Os professores aprofundaram seus conhecimentos sobre alfabetização e participaram de um movimento de valorização e de reconhecimento como profissionais especializados na área. Perceberam-se como integrantes de um sistema de educação que deve se responsabilizar por todas as crianças que estão em fase de alfabetização, matriculadas em suas unidades escolares.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação continuada; Professor alfabetizador; Prática docente

**ABSTRACT:** *This work presents a reflection on continuing education proposed by the Brazilian Ministry of Education, through the National Agreement for Literacy at the Right Age (Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa) – PNAIC for teachers of 1st, 2nd and 3rd years of the Municipal Education Network of the town of Itajaí, in the Brazilian state of Santa Catarina. Through monitoring of experiences of the literacy teachers during the training and analysis of their practices presented during the years 2013, 2014 and 2015, this study seeks to observe whether there have been changes in the work proposals for the children. It addresses the themes of inclusion, evaluation, childhood, play, and teacher's organization, to contextualize the participants' educational practices. The teachers deepened their knowledge in literacy and took part in a movement of valorization and recognition as professionals specialized in the area. They saw themselves as part of an educational system that should take responsibility for all the children in the literacy phase, enrolled in the schools where they work.*

**KEY WORDS:** Continuing education; Literacy teacher; Teaching practice

## **1.Introdução**

Durante os anos de 2013, 2014 e 2015 o município de Itajaí aderiu ao Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, formação continuada de 120 horas anuais para professores alfabetizadores oferecida às redes municipais e estaduais de educação brasileiras pelo Ministério da Educação. O objetivo desta formação é instrumentalizar professores de 1º, 2º e 3º Anos e redes de educação para “alfabetizar crianças até, no máximo, 8 anos de idade, ao final do ciclo de alfabetização” (...) “por um conjunto integrado de ações, materiais e referências curriculares e pedagógicas a serem disponibilizadas pelo MEC” (PNAIC, Caderno de Apresentação, 2012, p.5). As ações previstas para alcançar o objetivo proposto pelo PNAIC são apoiadas em quatro eixos: formação continuada presencial para professores, materiais didáticos, obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais, avaliações sistemáticas, gestão, controle social e mobilização.

No início de 2013, organizou-se, sob orientação da Secretaria Municipal de Educação de Itajaí, um grupo de educadoras vinculadas a esta rede que tinha como tarefa desenvolver a função de Orientadoras de Estudos, prevista pelo PNAIC, dos professores alfabetizadores que se inscreveram na formação continuada. Logo no início houve a dúvida sobre a formação interessar realmente os educadores, pois ela aconteceria fora do horário de trabalho e qual seria sua eficiência na mudança das práticas de alfabetização. É da perspectiva da Orientação de Estudos que se passou a refletir sobre as vivências dos professores na formação e se mudanças de práticas de alfabetização aconteceram. O resultado que o PNAIC propunha, “alfabetizar todos na idade certa”, para o grupo de Orientadoras de Estudos precisaria ser analisado no final do ano de 2013. Não havia a certeza de que se atingiria todas as crianças em idade de alfabetização. Sabia-se que havia possibilidades dos resultados finais sofrerem com diferentes interferências no processo de formação dos professores e interferências nos

próprios processos de alfabetização de cada criança matriculada no ciclo de alfabetização, ou seja nos três primeiros anos do Ensino Fundamental.

Entre os 100 cursistas envolvidos em Itajaí e as 6 Orientadoras de Estudos se notou, no período observado, movimentos de aproximações à proposta do PNAIC. Já no início de 2013 os professores demonstraram reconhecer os encontros de formação como oportunidade de estudar entre seus pares, percebendo as possibilidades de trocas de práticas e ações pedagógicas de suas vivências com seus alunos. Assim os professores acessavam juntos, em encontros presenciais, aquilo que o PNAIC oferecia para ser estudado e explorado como referência para aprimorar as práticas de alfabetização que já aconteciam nas salas de aula do município.

Em 2013 o PNAIC trouxe como proposta de estudo a Escrita Alfabética. Esta compreendida como um sistema de notação (FERREIRO & TEBEROSKY, 1984), composta por seus 4 eixos. Sendo eles Oralidade, Leitura, Escrita e Análise Linguística onde os mesmos são explorados na perspectiva do letramento conforme Magda Soares, que cita

“alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (SOARES, 1998, p. 47).

No ano de 2014 o foco explorado foi a Alfabetização Matemática que é “entendida como um instrumento para a leitura de mundo” (Alfabetização Matemática, Caderno de Apresentação, 2014, p. 5), superando, através da perspectiva do letramento, a simples decodificação dos números e a resolução das quatro operações básicas. Os temas da Matemática que o PNAIC aborda são, principalmente, Quantificação, Registros e Agrupamentos, Construção do Sistema de Numeração Decimal, Operações na Resolução de Problemas, Geometria, Grandezas e Medidas, Educação Estatística.

Em 2015, durante o segundo semestre, o PNAIC retomou a concepção de criança, que já havia explorado na formação de 2013, onde “a infância não é apenas um período da vida, mas, mais que isso, ela ‘é parte da condição que nos torna

humanos”, conforme MEYER, VASCONCELOS e LOPES (PNAIC, Caderno 2, 2015, p. 47). E que o direito a brincar precisa ser garantido em detrimento do desenvolvimento pleno da criança, inclusive na aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética. Os temas Planejamento e Organização, Avaliação, Currículo Inclusivo, a Relação da Oralidade e Escrita nas Práticas de Letramento, os Diferentes Recursos também foram abordados e todos estes perpassados pelo viés da Interdisciplinaridade. Este movimento interdisciplinar, para o PNAIC, “implica uma vontade e um compromisso dos atores envolvidos de elaborar um contexto mais geral, no qual cada uma das disciplinas em contato é modificada e passa a depender claramente uma das outras” (PNAIC, Caderno 3, 2015, p. 11).

Optou-se em analisar trajetórias do grupo de professores alfabetizadores vivenciando o PNAIC e as mudanças nas suas ações pedagógicas através de recortes não cronológicos e nem quantitativos, buscando-se realizar um exercício de observação interdisciplinar.

## **2. Inclusão e Avaliação**

Nos cadernos do PNAIC a concepção de infância reconhece como direito das crianças que todas têm direito a aprender, sendo dever da escola garantir condições favoráveis de aprendizagem, considerando as diferentes trajetórias de vida do estudante e sendo a avaliação como ponto de partida para o planejamento didático (PNAIC, Caderno 1, 2015, p.29).

Nas salas de aula estão alunos com diferentes necessidades de apoio à suas aprendizagens. Os professores alfabetizadores ao relatar, nos encontros do PNAIC, seu trabalho com os Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEES) contam, em alguns casos, com o auxílio de Agentes em Atividades Educacionais Especiais e Psicopedagogos dentro das escolas onde trabalham. Notou-se um avanço durante a formação no sentido de observar que a grande maioria dos professores passou a não mais questionar se uma criança com Síndrome de Down ou com deficiência visual deve ou não estar no ensino regular. Os questionamentos se centraram em “como trabalhar”, “o que propor”, “estou no caminho certo?”. Percebeu-se

que, mesmo com os suportes aos professores através de uma equipe, muitas crianças ainda dependeram somente da iniciativa do professor da turma para alfabetizar todos seus alunos. Nesse sentido, a avaliação com viés formativo “serve para que os professores programem intervenções que atendam à diversidade de necessidades pedagógicas de sua turma, considerando que a turma sempre será heterogênea, independente ou não de crianças com necessidades educacionais especiais” (PNAIC, Caderno 1, 2015, p. 29). Os cadernos do PNAIC indicam aos professores promoverem agrupamentos produtivos, em que os alunos são organizados em grupos, facilitando o auxílio entre colegas a partir daquilo que cada um já sabe. Percebeu-se que um número maior de professores, passou do discurso para práticas de inclusão, através da organização de agrupamentos produtivos entre outras ações pedagógicas voltadas à inclusão de todos.

A Rede Municipal de Educação de Itajaí vem promovendo nos últimos anos um processo avaliativo mais amplo que abarca o sistema educacional, o currículo, a escola, os professores e as próprias práticas de avaliação, com suas metas, seus instrumentos. Através da observação da aplicação de provas externas pela Secretaria de Educação e MEC e com quantificação dos resultados de avaliações durante o ano letivo, os professores notaram que o processo de ensino e aprendizagem é acompanhado não somente por quem está dentro da sala de aula, mas pela equipe escolar, Secretaria de Educação, o MEC e também por algumas famílias de alunos. Com resultados monitorados sistematicamente, percebeu-se certa tensão entre os professores. Esta tensão, se direcionada à busca da qualidade e eficiência do trabalho pedagógico, pode promover o trabalho do professor, incentivando-o a estudar, pesquisar, aprimorar-se. A busca pela qualidade precisa ser assumida também por toda equipe escolar, através do olhar questionador sobre seus resultados reais. Percebeu-se, durante o período observado, que houve divergências em como as equipes pedagógicas das escolas municipais poderiam conduzir as ações após as avaliações processuais, sendo estas a avaliação diagnóstica, a avaliação de processo e a avaliação final, aplicadas a seus alunos. Se por um lado existiram equipes que se uniram ao professor de sala de aula para fomentar a aprendizagem dos alunos com dificuldades, por outro lado houve equipes que ainda precisavam estabelecer metas mais claras e possíveis de ser

atingidas em suas escolas. Percebeu-se que as equipes também passavam por processos de formação, com o suporte da própria rede municipal quando esta monitorava e sugeria ações para alcançar as metas estabelecidas pela unidade escolar.

A Rede Municipal de Itajaí passou recentemente por um processo de revisão de seu currículo e como o mesmo é vivenciado nas escolas, procurando fazer ajustes no documento, no sentido de atualizá-lo. Houve também a construção de um parecer em 2014 que norteia e regula as ações no Bloco de Alfabetização, que são as turmas de 1º, 2º e 3º Anos. Os professores demonstraram certa insegurança em aplicar aquilo que os dois documentos indicam, sendo uma das metas expostas pela Secretaria de Educação a promoção de formações continuadas sobre os mesmos. Durante a formação do PNAIC houve muitos momentos em que os professores procuravam relacionar as propostas da formação continuada com os documentos oficiais para a alfabetização no município. Em termos práticos, estas relações se materializavam de forma aproximada nos planejamentos dos professores para as suas aulas. Sendo possível, através dos planejamentos, também avaliar em termos gerais se os professores estavam incorporando em suas práticas aquilo que o PNAIC propunha. Fotos de ações e relatos de práticas também indicavam que um número considerável de atividades de alfabetização sugeridas pela PNAIC foram aplicadas às turmas de crianças durante as formações dos alfabetizadores.

Avaliando a organização interna das escolas através dos relatos dos professores, ainda se percebeu muitas diferenças de uma unidade para a outra em termos de suporte aos alfabetizadores e às turmas de alfabetização. Por outro lado, com o espaço que o PNAIC possibilitou de “estar entre os pares”, um número considerável de professores passou a trocar experiências de organização de rotinas e organização de espaços da escola, criando, em alguns grupos, uma rede de apoio. Agrupamentos produtivos, construção de espaços para leitura, jogos, brinquedos e suportes que precisam estar à vista dos alunos, organização do tempo para ir ao parque ou outros espaços disponíveis foram motivos de diálogos e troca de experiências entre os professores. Notou-se que a troca de professores entre as unidades escolares pode ser benéfica, pois bons exemplos e iniciativas são ampliados

com a vinda de um professor que vivenciou uma boa ambiência pedagógica em outra escola.

Na avaliação da aprendizagem os professores norteavam seu trabalho para atingir as habilidades da matriz curricular do município. Estas habilidades e os direitos de aprendizagem, expostos pelo PNAIC, aproximam-se em sua essência. Sendo que a matriz, em sua estrutura, proporciona aquilo que o PNAIC recomenda: “estabelecer o que as crianças precisam aprender em um determinado tempo e selecionar as estratégias de avaliação que sejam mais adequadas à verificação do que foi aprendido” (PNAIC, Caderno 1, 2015, p. 32). Percebeu-se que entre o grupo de professores a seleção de estratégias de avaliação nem sempre foi a mais eficiente, podendo ainda mascarar o que as crianças já sabem ou aquilo que elas ainda não sabem. Durante os encontros do PNAIC notou-se que, mesmo em momentos de estudo de outros temas, estratégias de avaliação foram discutidas, lembradas, reelaboradas nos diálogos entre os professores e orientadores de estudos. E mais uma vez, foi perceptível que os alfabetizadores precisam fazer parte de uma rede, que lhes dê suporte para ultrapassar suas fragilidades. A responsabilidade em alfabetizar é de todos que estão envolvidos no ato de ensinar, dentro da instituição escolar. Neste sentido, responsabiliza-se também os professores pedagogos de 4º e 5º Anos e os professores das diferentes áreas do conhecimento dos Anos Finais. Afinal, estes, não somente os professores de Língua Portuguesa, precisam ampliar os níveis de letramento dos alunos que chegam à escola com os mais diferentes níveis de conhecimento do Sistema de Escrita Alfabética. Não se pode mais ignorar alunos com mais de 8 anos não alfabetizados. Mesmo que esses alunos tenham oportunidade de frequentar salas de apoio à alfabetização, para superar esta lacuna precisam ter contato com bons textos (lidos e ouvidos), ter oportunidade de ampliar seu vocabulário, inspirando-se na fala e nas leituras do professor, ser estimulado em sua oralidade e na análise da língua através de ações bem definidas que visem o letramento.

### **3. Infância, Ludicidade, Organização da ação docente**

A afirmação “para as crianças do Ensino Fundamental, as brincadeiras de jogos de papéis e os espaços infantis já não fazem parte de sua rotina, muito menos do planejamento do professor” (PNAIC, Caderno 2, 2015, p.49) remete a um tema recorrente nas falas dos professores alfabetizadores participantes do PNAIC. Percebeu-se que existiam algumas divergências em relação ao reconhecimento da importância dos espaços e tempos para brincar, tanto dos próprios professores como das equipes que estes faziam parte. Nem todas as escolas da rede municipal possuem espaços adequados, havendo necessidade de adaptações e rodízios de uso. Mas é sabido que não basta o espaço disponível e preparado para as brincadeiras acontecerem, é necessário que todos os profissionais que estão em contato com as crianças compreendam e valorizem estas vivências lúdicas. Nesse sentido, a proposta do PNAIC em 2013, já valorizava a ludicidade através da condução dos estudos que auxiliam os professores a organizarem seus planejamentos nas modalidades projeto e sequência didática em que o brincar esteja presente.

“O brinquedo irá desempenhar um papel fulcral para a aprendizagem da escrita, pelo fato da criança perceber, por meio dele, que determinados objetos podem denotar outros, tornando-se assim seus signos (...) a criança está construindo uma noção fundamental para a aquisição da escrita: a de que um objeto pode ser substituído por outro, no processo de representação” (PNAIC, Caderno 2, 2015, p. 50).

Houve avanços na organização das ações docentes de maneira mais generalizada. Exemplos de práticas mais elaboradas e contextualizadas já existiam na rede municipal, mas um número considerável de professores vinculados ao PNAIC apontaram que sentiam falta de alguns parâmetros para nortear seu trabalho. Houve avanços no vocabulário dos professores, percebido nas tarefas e registros durante os encontros. Rotinas organizadas e pré-estabelecidas se mostraram cada vez mais presentes e eficientes na maioria das salas das turmas de alunos. Alguns professores adotaram planilhas que facilitam a visualização das ações por determinados períodos como semanas ou quinzenas. Esta prática foi citada no PNAIC 2013 e demonstrada novamente em 2015 nos estudos da interdisciplinaridade. Alguns professores perceberam com o estudo da interdisciplinaridade que a visualização da rotina organizada em um tempo maior, facilita a conexão entre as ações, evitando possíveis fragmentações. Suas falas já apontaram:

“...o PNAIC apontou, acrescentou e orientou caminhos para minha prática, com o intuito de ensinar de uma maneira articulada, utilizando a interdisciplinaridade, dando sentido ao estudo e proporcionando um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Foi aqui que encontrei o fio condutor para o trabalho reflexivo e significativo para os meus alunos. Necessitei sair de minha zona de conforto, vencer desafios, procurar desenvolver atividades ainda mais criativas, pesquisar, ler, colocando em prática aquilo que foi aprendido” (Avaliação dos encontros de uma professora alfabetizadora, 2015).

#### **4. Interdisciplinaridade**

Os professores, em seus planejamentos de projetos didáticos e sequências didáticas estudaram as referências teóricas sugeridas pelo PNAIC. Percebeu-se que a proposta de sequência didática de Dolz e Schneuwly (PNAIC, Ano 1, unidade 6, 2012, p.27), autores escolhidos pelo PNAIC para orientar o trabalho com os diferentes gêneros textuais, voltada para o ensino da língua, não era conhecida pelo grupo. Esta proposta obedece a um esquema que se apresenta de forma sequenciada: apresentação da situação, produto inicial, módulos (1,2, ou mais) e produção final. Mesmo ainda não havendo segurança para planejar conforme a proposta dos dois autores citados acima, as crianças tiveram contato com uma diversidade de gêneros orais e escritos através das sequências didáticas planejadas pelos professores. Observou-se que as mesmas se aproximaram muito mais da proposta de sequência didática de Antoni Zabala (1998), por exemplo. Esta é uma proposta mais aberta que permite mais autonomia no momento do planejamento. Professores que tiveram trajetórias na Educação Infantil possivelmente já tiveram contato com Zabala, através das propostas de sequências didáticas citadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998). Tanto Zabala como Dolz e Schneuwly possuem pontos de vista em comum quanto à importância da interdisciplinaridade como princípio curricular articulado em que o mesmo “favoreça situações escolares referenciadas e articuladas às situações vivenciadas pelas crianças fora da escola (...), mobilizando conhecimentos e habilidades diversos, de modo integrado, para interagir e agir na sociedade” (PNAIC, Caderno 3, 2015, p. 99). Percebeu-se também uma aceitação bastante positiva por parte dos professores alfabetizadores em relação aos estudos da

interdisciplinaridade e a importância da leitura como elo entre os diferentes componentes curriculares. Notou-se que este estudo veio como resposta a muitas angústias e ansiedades dos professores perante o currículo mínimo que a rede municipal adota, sendo a modalidade de planejamento sequência didática uma das formas de se organizar uma proposta de trabalho interdisciplinar. Viu-se muitas aproximações, mas o estudo dirigido que o PNAIC proporcionou e as análises de exemplos de sequências já existentes fizeram muitos professores compreenderem que “a interdisciplinaridade permite a integração de saberes” (PNAIC, Caderno 3, 2015, p. 22), sendo possível identificar quando existem apenas atividades justapostas que não articulam os saberes envolvidos. A formação do PNAIC ainda reforça que as práticas interdisciplinares “comprometam os estudantes com causas que impliquem uma concepção de sociedade não excludente, não competitiva nem egoísta, e que promova uma valorização das diferentes culturas” como aponta Telma Ferraz Leal (PNAIC, Caderno 3, 2015, p. 100).

#### **4. Conclusão**

A reflexão sobre as vivências dos professores na formação continuada proposta pelo PNAIC e a observação de mudanças de práticas de alfabetização não contemplam a quantificação de crianças em idade de alfabetização da rede municipal de educação do município de Itajaí que atingiram os objetivos propostos em 2013 a 2015 pelo MEC. Muitas variáveis se apresentaram neste período como transferências de alunos, professores alfabetizadores da rede que não participaram da formação, desistência de professores vinculados ao PNAIC não facilitaram a quantificação exata de alfabetizados.

A ausência de precisão de resultados pode levar a concluir que a formação não foi eficiente do ponto de vista quantitativo, mas, por outro lado, houve um movimento considerável entre os professores participantes dos estudos, planejamentos, avaliações de processos e trocas sobre a alfabetização que permitiram o acesso e aprofundamento a temas que estão entremeados nas práticas de sala de aula como a

inclusão, o conceito de infância, a ludicidade, a organização da ação docente e a interdisciplinaridade.

O conjunto integrado de ações, materiais e referências curriculares e pedagógicas disponibilizados pelo PNAIC, além de possibilitar a instrumentalização do professor alfabetizador, valorizou-o no sentido de reconhecê-lo como um profissional especializado que precisa continuamente de investimentos de formação, de apoio de equipes escolares e de redes de educação, pois o aluno ainda não alfabetizado é de responsabilidade de todos que estão envolvidos nos sistemas de educação. E a conquista da alfabetização na perspectiva do letramento, proposta pelo PNAIC, incentiva o professor e o aluno a perguntarem-se de que saberes se constitui o conteúdo que se ensina e que se aprende, pois isto pode ser um caminho para perceber e fazer perceber que a compreensão de mundo é uma percepção interdisciplinar.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: formação do professor alfabetizador: Caderno de Apresentação***/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL, *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento – projetos didáticos e sequências didáticas: ano 1, unidade 06*** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL, *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Caderno de Apresentação:***

**Alfabetização Matemática/** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL, *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 2*** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL, *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Interdisciplinaridade no Ciclo de Alfabetização. Caderno 3*** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas: 1984.

ITAJAÍ, Secretaria Municipal de Educação de Itajaí. **Parecer do Bloco Alfabetização**. 2014.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.